



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 20 - julho de 2018

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i20p269-290>

**Literatura digital, eletrônica ou hipermediática: tendências
contemporâneas de leitura para crianças e adolescentes**

**Digital, electronic or hypermedia literature: contemporary trends of
reading to children and teenagers**

*Daniela Maria Segabinazi**
*Valnikson Viana de Oliveira***

RESUMO

A proposta deste artigo é refletir sobre conceitos e diferentes abordagens decorrentes da renovação da produção literária infantil e juvenil, evidenciando mais precisamente sua transposição do suporte impresso para o meio digital, eletrônico ou hipermediático. Voltamos o nosso olhar para o percurso dessa vertente a partir dos anos 1970, abarcando novas propostas temáticas e artifícios de aproximação com o público-alvo, até as atuais tendências de leitura a ela relacionadas. Valemo-nos especialmente dos apontamentos de Hayles (2009) e Kirchof (2009; 2014) para entender o contexto de elaboração das recentes plataformas voltadas ao leitor iniciante, tomando como principal exemplo o livro *O menino e o foguete* (2016), do escritor Marcelo Rubens Paiva e do ilustrador Alexandre Rampazo, lançado como parte do programa Itaú Criança, da Fundação Itaú Social. Tal obra evidencia o surgimento de um novo formato que só pode ser acessado em *tablets* e *smartphones* por uma página na rede social *Facebook*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil e juvenil; Literatura digital; Hipermedia; Cibercultura

ABSTRACT

The purpose of this paper is to reflect on concepts and different approaches resulting from the renewal of production of children's and young people's literature, highlighting, more precisely, its transposition from printed media into digital, electronic or hypermedia media. We focus on the development of this field from the 1970s to the current trends of reading related to it, by encompassing new thematic proposals and

* Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – João Pessoa – PB – Brasil – dani.segabinazi@gmail.com

** Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – João Pessoa – PB – Brasil – valnikson18@hotmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 20 - julho de 2018

methods of coming close to the target audience. We take a special look at the notes of Hayles (2009) and Kirchof (2009; 2014) to understand the context of creation of recent platforms aiming at novice readers, taking as a prime example the book *O menino e o foguete* (2016), written by Marcelo Rubens Paiva, illustrated by Alexandre Rampazo, released as part of Itaú Criança program, from Fundação Itaú Social. Such work emphasizes the advent of a new format that can only be accessed on tablets and smartphones through a page in the Facebook social network.

KEYWORDS: Children's and Young People's Literature; Digital Literature; Hypermedia; Cyberculture

Introdução

A produção cultural destinada à criança e ao jovem, atualmente, abarca duas modalidades de acesso ao universo literário: o suporte impresso e a plataforma virtual, que propõem diferentes modos de interação com o leitor iniciante. Enquanto os livros de papel continuam envolvendo o contato físico com toda a materialidade do texto, os livros digitais, por sua vez, apresentam outras possibilidades interativas, também correspondendo a uma demanda maior, visto que seu acesso pode ser muito mais fácil e popularizado.

Chartier (2002) aponta a passagem do livro impresso para a tela do computador e de outros meios de transmissão eletrônica como uma das grandes revoluções da história da leitura, provocando alterações na relação entre o leitor, o autor e o texto. Quem lê agora também pode interferir no processo de construção do objeto lido por meio da dinamicidade que ele oferece. A textualidade não está mais limitada aos sinais gráficos, mas também a outros signos, como a imagem e o som. Ademais, o fato de o livro digital ser essencialmente diverso exige dos pequenos e jovens leitores o domínio e o diálogo com suas diferentes linguagens para a real compreensão do texto que ele veicula. A difusão da criação literária em ambientes digitais, assim, parece indicar outras maneiras de ler, de escrever e, principalmente, “[...] de intervir sobre a palavra.” (BARBOSA, 1996, p. 20).

O presente artigo busca refletir sobre conceitos e diferentes abordagens decorrentes da renovação da produção literária infantil e juvenil, evidenciando mais precisamente sua transposição do suporte impresso para o meio digital, eletrônico ou hipermidiático. Voltamos o nosso olhar para o percurso dessa vertente a partir dos anos 1970, quando ela começou a abarcar novas propostas temáticas e artifícios de aproximação com o público-alvo, até as tendências atuais de leitura a ela relacionadas.

O intuito é reconhecer a importância das inovações para essa produção literária de público específico, compreendendo que, a partir de estéticas inaugurais da segunda metade do século XX, ela muito se metamorfoseou, acompanhando as transformações culturais, históricas, sociais e tecnológicas. Assim, sem a pretensão de nos aprofundarmos em abordagens teóricas que envolvem discussões que atravessam os conceitos de semioses, multimodalidades e hibridização, entre outros termos e concepções, propomos apenas chamar a atenção para as transformações dos textos literários que chegam até nossas crianças e adolescentes, os quais empregam e

absorvem uma variedade de recursos e uma diversidade de estratégias que não mais se ajustam às denominações de antigos estudos literários.

Com base no panorama geral das publicações contemporâneas não só no contexto do Brasil, mas também em caráter internacional, na perspectiva de situar a produção e a recepção das obras, suas inovações e particularidades, chegaremos ao surgimento de novos formatos que evidenciam a constante modificação da literatura, assim como sua mobilidade de manejo e apresentação para os leitores.

1 Do começo do novo: a explosão dos anos 1970

É a partir da década de 1970 que surge, na literatura infantil e juvenil nacional, um número expressivo de autores que, de certa forma, abandonam o papel essencialmente utilitário e pedagógico em sua aproximação com os leitores, conjuntura decorrente do relativo abrandamento da atitude escolar frente a livros não imediatamente formativos nem edificantes (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Firmando compromisso com o exercício artístico, eles abarcam novas propostas temáticas e artifícios expressivos em relação ao seu público-alvo. Todas as obras publicadas nessa época são reconhecidas por fazerem parte do chamado *boom* da literatura infantil e juvenil no Brasil. Entretanto, antes de explorarmos autores e títulos que fazem parte do acervo literário contemporâneo, vamos apresentar brevemente os contextos histórico, cultural, político e social brasileiro e mundial, que propiciaram a publicação e a venda sem precedentes de livros para crianças e jovens, a proliferação de associações voltadas ao incentivo à leitura, uma epidemia de seminários e congressos a respeito do tema e, conseqüentemente, a inclusão de cursos e pesquisas de literatura infantil nos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades do país (CADEMARTORI, 1994).

Um retrospecto à segunda metade do século passado vai nos mostrar algumas razões para que o contexto de expansão editorial e o aumento considerável de escritores e ilustradores se façam presentes na produção literária para crianças e adolescentes até os dias atuais. Conforme Lígia Cademartori, a década de 1960 “[...] havia começado de forma culturalmente promissora: iniciava-se um período cultural eminentemente crítico e polêmico [...]”; todavia, com o advento do Golpe Militar, em 1964, “[...] as promessas dos primeiros anos da década não se confirmaram [...]” (1994, p. 12), e artistas e intelectuais tiveram que deixar o país. Assim, o cenário político estava posto: um regime militar e opressor; porém, em paralelo ao sistema implantado, outras questões

afloram, como alto índice de analfabetismo; subdesenvolvimento cultural e educacional; necessidade de modernização da sociedade etc.

Tudo isso fez com que os governos militares implementassem ações para erradicar o analfabetismo, como a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL (1967) e o alinhamento com as posições políticas norte-americanas, realizando o acordo entre o Ministério da Educação (MEC) do Brasil e a *United States Agency for International Development* (USAID), cujo espírito redundou na publicação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB/71, encaminhando a educação brasileira para o ensino profissionalizante e técnico, “[...] decididamente contrário ao cultivo das ideias.” (BORDINI, 1998, p. 34).

Na segunda metade dos anos 1970, o cenário mundial torna-se desfavorável ao governo brasileiro. O aumento dos preços do petróleo e a elevação das taxas de juros inviabilizam a política expansionista, aqui denominada de milagre econômico brasileiro. O país mergulha em uma grave crise econômica, política e social. E esse quadro de enfraquecimento do governo militar propicia a rearticulação e o ressurgimento de movimentos sociais, como o movimento operário, estudantil e os questionamentos à ordem governamental por parte de importantes instituições como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Conforme Bordini (1998), com a crise econômica internacional, a saída foi a redemocratização “[...] para que a própria sociedade trate de cuidar de si e de enfrentar o agravamento dos problemas que meras soluções tecnoburocráticas não conseguem superar.” (BORDINI, 1998, p. 34).

Ainda, consoante a autora, o final da década aponta para o fim do regime ditatorial. Inicia-se o período de transição para um regime democrático e foi nesse contexto contraditório que a indústria editorial expandiu-se, com o surgimento de um público cativo, o único efetivamente forçado a comprar: o das escolas, “[...] que se multiplicaram em massa pelo país, oferecendo, evidentemente, uma educação também massificada e alienante.” (BORDINI, 1998, p. 35).

Nesse cenário, agregam-se fatores oriundos do período do “milagre”, como a crescente ampliação da classe média e o aumento do nível de escolaridade, à expansão de uma política cultural de leitura, que propiciaram o crescimento do negócio com o livro. Logo, as condições foram favoráveis para o mercado editorial, que foi respondendo às novas demandas, aumentando o número de títulos de obras que vão compor os catálogos para leitura do público infantil e juvenil, atraindo, inclusive, os

autores consagrados que, segundo Lajolo e Zilberman (2004, p. 124), “[...] não desprezaram a oportunidade de inserir-se nesse promissor mercado de livros, o que trouxe para as letras infantis o prestígio de figuras como Mario Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector”.

Desse modo, podemos afirmar que a literatura para crianças e adolescentes, no Brasil, teve seu *boom* em um período autoritário e que, contribuindo com o processo de transição para a democracia no país, consegue, atualmente, ocupar seu lugar no mundo. Outrossim, nessa história, trata-se agora de avaliar o saldo que herdamos de um momento de expansão e consolidação de uma literatura emancipatória e com significativa qualidade estética.

1.1 Dos elementos estéticos na literatura para crianças e adolescentes

Prosseguindo com nosso percurso histórico, passamos ao enfoque das características inovadoras que apontam para um conjunto de obras e autores pós-anos 1970 – consideradas também como pós-lobatianas e/ou contemporâneas. Nessa perspectiva, muitos críticos, pesquisadores e professores têm acompanhado, analisado e avaliado essa significativa proliferação de livros desde o denominado *boom* da literatura infantil e juvenil e, na sua maioria, buscaram elementos que traduzissem a importância e o alcance que essas obras têm como valor literário. Por isso, soa como um coro a constatação de que o valor literário reside em obras que questionam o mundo, que abrem para uma leitura emancipatória do leitor; em outras palavras, “[...] cabe-lhe uma formação especial que, antes de tudo, interrogue a circunstância social de onde provém o destinatário e seu lugar dentro dela.” (ZILBERMAN, 1984, p. 134).

Mas quais são essas obras? Um levantamento realizado por Coelho (2000) e Souza (2006) vai nos mostrar quais são as principais peculiaridades que deram novos atributos ao texto literário após a década de 1970, no Brasil e no mundo. A seguir, sintetizaremos tais inovações que definem essa contemporaneidade dos livros. Ademais, vale ressaltar que é unânime entre os estudiosos a noção de que, na produção recente, muitas delas se enraízam em processos narrativos arcaicos, que são recriados “[...] para tomar o impulso necessário para cruzar fronteiras e impor novas regras de criação e leitura de textos destinados à infância.” (ZILBERMAN, 2005, p. 56-57).

A linguagem passa a abranger a intensificação da oralização do discurso com a incorporação de modos de fala distantes da norma culta e mais próximos à

representação das identidades marginalizadas; estão presentes a metalinguagem e a intertextualidade como forma de questionar, inverter e transformar a realidade. Como exemplos desses aspectos, temos as obras *História meio ao contrário* (1978), de Ana Maria Machado, *Chapeuzinho amarelo* (1979), de Chico Buarque, e *Lando das ruas* (1977), de Carlos de Marigny.

A sequência narrativa abarca agora o rompimento com a linearidade, apresentando o fluxo de consciência como alternativa para apresentar conflitos existenciais das personagens ou mesmo como estratégia temporal, misturando experiências do passado com as do presente narrativo (*flashback*), a fim de provocar reflexões na busca da solução dos problemas apresentados. Como exemplos dessas características, temos os títulos *Bisa Bia, bisa Bel* (1982), de Ana Maria Machado, *A bolsa amarela* (1976), de Lígia Bojunga, e *Uma ideia toda azul* (1979), de Marina Colasanti.

Em relação à temática, a exemplaridade desaparece para dar lugar à ambiguidade, a pontos de vistas mais plurais e contraditórios, próprios à condição humana. Os temas alinham-se aos problemas enfrentados na sociedade contemporânea, como: sexualidade, injustiças sociais, preconceito racial, gêneros e minorias, morte, separação, identidade, entre tantos outros até então considerados tabus para crianças e adolescentes. A temática regionalista e outras da tradição narrativa, como ficção científica, terror, policial e enigma ainda estão presentes na contemporaneidade. Como exemplos desse aspecto, temos os livros *Os meninos da rua da praia* (1979), de Sérgio Capparelli, *As muitas mães de Ariel* (1980), de Mirna Pinsky, *Tem carta pra mim?* (1997), de Fanny Abramovich, e *Irmão negro* (2003), de Walcyr Carrasco.

O fortalecimento do humor, iniciado nas obras de Monteiro Lobato, passa a apresentar um tom satírico mais evidente. Muitos autores intensificam sua presença nos textos, às vezes beirando o *nonsense* e também recorrendo à paródia e ao pastiche como procedimentos ora de questionamento e crítica, ora como valorização e consagração do texto que deu origem à releitura e à recriação. Nesse caso, optamos por citar duas grandes autoras que são reconhecidas por imprimir o humor nas suas obras: Sylvia Orthof e Eva Furnari.

A ilustração, integrada às obras com texto verbal ou proposta com exclusividade nos livros de imagem, adquire valor estético e literário no contexto contemporâneo. Atualmente, propagam-se os recursos visuais, de tal forma que atingimos a estrutura gráfica, as cores, os usos de diversos materiais e a recorrência à multiplicidade de

linguagens que têm evidenciado e elevado o papel da ilustração na literatura para crianças e adolescentes no Brasil e no mundo. Aliás, como registro recente, em 2014, o escritor e ilustrador brasileiro Roger Mello recebeu o mais alto prêmio da categoria, o prêmio Hans Christian Andersen (considerado um Nobel para a literatura infantil e juvenil). Nesse aspecto, destacam-se as obras *Flicts* (1969), de Ziraldo, *Ida e volta* (1976), de Juarez Machado, *Cena de rua* (1994), de Angela Lago, *Meninos do mangue* (2001), de Roger Mello etc.

Diante dessas transformações e inovações, destacamos o papel da ilustração nas obras com texto verbal ou, tão-somente, a publicação do livro ilustrado. Hunt (2010, p. 233), ao abordar o livro-ilustrado, anuncia os problemas que emanam da crítica literária a respeito desse “novo” gênero, avaliando a carência de resenhas sobre as obras e a necessidade “[...] de uma linguagem crítica para essa nova área, de potencial muito grande”. Entre as discussões propostas pelo ensaísta está a relevância que é dada aos livros, a ponto de afirmar, a partir das palavras do escritor Philip Pullman, que a complexidade da interação e do diálogo entre os significados da imagem e do texto e o que essa comunicação possibilita “[...] é a maior descoberta da narração de histórias do século XX: ou seja, o contraponto.” (PULLMAN *apud* HUNT, 2010, p. 233). Sendo assim, podemos afirmar que a ilustração é uma das grandes revelações nas produções contemporâneas e, certamente, uma das maiores revoluções na literatura infantil e juvenil. Como amostra da importância dessas publicações, algumas obras que se tornaram relevantes no contexto mundial são *O passeio de Rosinha* (1968), de Pat Hutchins; *Onde vivem os monstros* (1963), de Maurice Sendak, *Zoom* (1995), de Stvan Banyai, *O teatro de sombras de Ofélia* (1992), de Michel Ende, *Onda* (2008), de Suzy Lee, e *A chegada* (2006), de Shaun Tan.

1.2 Tendências contemporâneas: os gêneros, as temáticas e os suportes

A partir das transformações nas concepções ideológicas, culturais e de estilo, as obras agregam novos pontos de vista, diversidade temática, experimentação na produção gráfica e nos suportes de veiculação dos textos. Para evidenciar as principais mudanças, pesquisadores criaram correntes para imprimir características e estilos ao conjunto de obras publicadas nesse período, como a linha dos novos contos de fadas, que reúne releituras dos contos clássicos, e a linha de preocupação realista, em que as obras privilegiam o realismo em detrimento da fantasia.

Essas divisões e/ou classificações ajudam a compreender as tendências contemporâneas e a abundante produção de literatura para crianças e adolescentes no país e no mundo. Todavia, temos clareza de que não são suficientes para abarcar a quantidade de obras que a cada dia são lançadas no mercado editorial. Por isso, destacamos dois movimentos ligados ao texto literário infantil e juvenil para compreender melhor essas mutações. O primeiro está relacionado à evolução dos gêneros segundo a idade dos destinatários, em que Colomer (2003; 2007) chama a atenção para as alterações de qualidade e quantidade de obras segundo as idades dos seus leitores; isto é, conforme aumenta a idade, passando de crianças (até mais ou menos 10 anos) para jovens (a partir dos 10 anos), aumenta a quantidade, mas o mesmo não vale para a qualidade, bem como mudam as temáticas e os gêneros.

O segundo movimento da literatura atual (final do século XX e início do XXI) é a criação e a expansão de novos gêneros ou novos suportes de leitura da literatura. Também é Colomer (2007) quem elenca essa produção, destacando os livros de imagem, os livros interativos (com a participação do leitor), denominados também, no Brasil, como livros-brinquedo (de banho, de madeira, de pano etc.), e histórias em meios audiovisuais e em hipermídias. Como exemplo de livro-brinquedo, temos a obra *A casa dos ratinhos* (2005), de Maria Jose Sacre. Quanto às obras audiovisuais e hipermidiáticas, por vezes também denominadas de “literatura digital” ou “literatura eletrônica”, como veremos a seguir, destacam-se a página virtual oficial da autora Angela Lago e o site de ciberpoemas baseado no livro *Poesia visual* (2001), idealizado por Sérgio Capparelli em colaboração com Ana Claudia Gruszinsky.

Tendo esse pano de fundo em mente, visualizamos um cenário que nos leva a considerar que a literatura contemporânea para crianças e adolescentes vive um momento promissor, com um leque bem variado de opções e ofertas de obras para seus leitores, sobretudo, porque apresenta qualidade estética e respeito ao público. Contudo, cabe um estudo sobre essas obras, de aprofundamento sobre as novas plataformas a que os livros infantis e juvenis estão vinculados.

2 De novo, o começo: inaugurações do século XXI

Continuando o percurso dos avanços e das transformações da literatura infantil e juvenil contemporânea, é necessário compreender que a produção literária recente permanece abundantemente no campo da cultura impressa, mas também apresenta uma

considerável criação de obras dentro da cultura surgida a partir do uso da rede de computadores e de outros suportes tecnológicos. De acordo com Lévy, o termo “cibercultura” é entendido como “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço [...]” que, por sua vez, é concebido como “[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.” (2010, p. 17). Nesse sentido, a cibercultura e a cultura impressa podem conviver no mesmo campo, em uma relação complementar. A partir dessa perspectiva, considera-se que, à medida que a própria literatura impressa avança nos modos de escrita, nas estratégias de leitura e nos recursos gráficos, evidenciando sua sintonia com espaços, tempos e suportes para os novos leitores, isto é, para uma geração já denominada de “nativos digitais”, por já crescerem imersos e conectados no universo das mídias, a literatura hipermidiática, digital ou eletrônica prospera no mercado editorial com inovações que apelam para uma nova visão do que é literatura ou do que é arte literária.

Munari conceitua hipermídia como a “[...] convergência entre mídias, artes, gêneros, linguagens, textos e usuários no ciberespaço [...]”; e aponta que, em hipermídia, “[...] a literatura perde suas bordas, embaralha-se com as outras artes e linguagens do meio [...]” (2011, p. 2), apresentando-se geralmente de forma fragmentada. Ela ainda salienta que a literatura em *e-book* ou, como o próprio nome indica, em livro eletrônico, não deve ser confundida com a literatura vinculada à internet, visto que sua única diferença dos livros impressos seria o folhear eletrônico de páginas em algum suporte digital.

Já Kirchof define a literatura digital para crianças como “[...] todo e qualquer experimento literário endereçado ao público infantil para ser lido exclusivamente em meio digital [...]”, geralmente apresentando “[...] recursos hipertextuais e hipermidiáticos como parte integrante da composição [...]”, constituindo produtos híbridos por mesclar “[...] formas literárias com jogos eletrônicos, filmes, animações, arte digital, *design* gráfico, cultura visual eletrônica, recursos acústicos eletrônicos.” (2014, *s/p.*). Para o estudioso, as obras dessa vertente seriam heterogêneas e, assim como as mídias digitais, sujeitas a constantes transformações, tornando difícil uma tipologia fixa. Ele ainda explica que a literatura digital seria uma categoria geral “[...] que abarca tanto os textos com estrutura linear quanto os textos não-lineares [...]”, delimitando duas categorias mais específicas: a literatura hipertextual, baseada em “[...]”

recursos de não-linearidade proporcionados pelos *links* eletrônicos [...]”, e literatura hipermidiática, baseada “[...] em recursos multimidiáticos, que agregam diferentes linguagens.” (KIRCHOF, 2009, p. 50). Todavia, é interessante salientar que muitos experimentos com o livro digital fazem uso de ambos os recursos de forma simultânea.

Hayles (2009, p. 20) evoca o termo “literatura eletrônica” para abarcar todas as obras “nascidas no meio digital”. Ela seria geralmente excludente da literatura digitalizada, isto é, da que resultaria de “[...] textos primeiramente produzidos e editados de forma tradicional e posteriormente digitalizados [...]”, não apresentando nenhuma ruptura ao ser transmitido pelo suporte digital (KIRCHOF, 2009, p. 49), como a versão para leitura *online* do livro *O menino maluquinho* (1980) disponível no site oficial do autor Ziraldo¹. A literatura eletrônica, por sua vez, utilizaria ferramentas próprias das novas tecnologias, com cada projeto tendo uma forma de lidar com esses artificios, considerando as limitações do autor ou equipe de criação e, principalmente, o efeito estético pretendido. Nesse sentido, o “[...] caráter de urgência do código [...]” seria um elemento fundamental para o entendimento e apreciação de sua “[...] especificidade como uma produção técnica e literária.” (HAYLES, 2009, p. 23).

Por conseguinte, podemos concluir que os livros para crianças e adolescentes se movem para outras fronteiras e ultrapassam os limites do impresso, mesmo que estes ainda não estejam estabelecidos e padronizados. Já podemos reconhecer que tal vertente explora e incorpora múltiplas linguagens, que habitam e coabitam outros recursos que alargam as concepções até então consolidadas pela arte literária.

2.1 Ainda o livro de papel

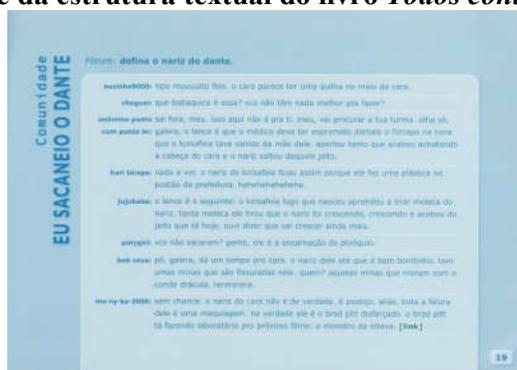
A partir das discussões apresentadas até aqui, podemos constatar que o livro na forma impressa ainda é bastante difundido. Entretanto, no que concerne ao texto literário, especialmente para o público infantil e juvenil, viemos destacando que ele se transfigura e se reveste em novas versões, em formatos e linguagens bastante híbridos, aproximando-se de hipertextos. Todavia, vale lembrar que algumas mudanças já tinham sido verificadas no *boom* da literatura infantil e juvenil nos anos 1970, como a influência das mídias audiovisuais nos livros de imagem e nos poemas concretos, por exemplo. Ademais, essas transformações na produção contemporânea foram se

¹ Disponível em: [<http://www.ziraldo.com/menino/mm7.htm>]. Acesso em: 10 mar. 2018.

intensificando de tal modo que a literatura hoje vai incorporando o audiovisual, a hipermídia, o hipertexto. Por isso, pontuaremos dois exemplos dados por Nascimento (2009) com obras que mostram o jogo e a influência da cibercultura: *Todos Contra D@nte* (2008), de Luís Dill, e *Princesas esquecidas ou desconhecidas* (2008), de Philippe Lechermeier, com ilustrações de Rébecca Dautremer.

Na primeira obra, é possível destacar a estrutura textual apresentada em quadros que indicam os movimentos realizados em fóruns de comunidades de redes sociais, discussões em *blogs* e indicações de *links*. O enredo vai se constituindo à semelhança da leitura de um internauta que, ao ingressar no universo virtual, vai dando passos não tão lineares, abrindo janelas e *links*, que vai se constituindo em uma narrativa labiríntica conforme a escolha e seleção dada por ele. Segundo Nascimento (2009, p. 191), a narrativa “[...] é construída pela interação de quatro gêneros: diálogos, *links*, *posts* de *blogs* e fóruns *online* [...]”, com o intuito de contar a história do protagonista Dante. Para isso, o impresso “[...] recorre a simulações e interfaces típicas da internet [...]” (NASCIMENTO, 2009, p. 197), conforme mostra a figura a seguir:

Figura 1 - Parte da estrutura textual do livro *Todos contra D@nte* (2008)



Fonte: DILL, 2008, p. 19.

Ao iniciar a análise da segunda obra (Figura 2), o pesquisador afirma que, no suporte impresso, os livros “[...] tendem a simular elementos e se apropriar de marcas da linguagem hipermidiática de forma modificada ou indireta. Isso acontece dadas as características próprias do livro, como a materialidade do papel, a sua bidimensionalidade e a linearidade do passar de folhas.” (NASCIMENTO, 2009, p. 185). No livro em questão, há um forte apelo à visualidade e à plasticidade do desenho, da ilustração, que carrega junto à palavra escrita uma cadência de ritmos e sons. A escrita também explora os tamanhos, as cores e a disposição das fontes e palavras no

espaço da página em blocos de texto, alargando o campo de visão não mais apenas linear e único, como podemos constatar na figura a seguir:

Figura 2 – Parte da estrutura textual do livro *Princesas esquecidas ou desconhecidas* (2008)



Fonte: LECHERMEIER, 2008, p. 36.

Ainda sobre a obra *Princesas esquecidas ou desconhecidas* (2008), podemos dizer que o visual e o verbal se fundem e se distanciam em vários momentos da obra, mas o que mais evidencia a aproximação com o contexto hipermidiático é o jogo com o leitor, que induz e orienta as mais variadas formas de ler o livro: “Um dos elementos que favorece a leitura hipertextual é a presença de remissões entre páginas, conectando trechos diferentes do livro.” (NASCIMENTO, 2009, p. 188). Tais indicações são recorrentes em toda a obra, convidando o leitor a saltar de uma página para outra que, por sua vez, pode direcionar novas opções de leitura, semelhante aos *links* dos sites, tais como “A princesa de Fatrasia recebeu medalha de bravura da ordem de Ubladá (ver o Grande Tralalá, página 82-83).” (LECHERMEIER, 2008, p. 18).

Além desse aspecto, há as referências intertextuais a princesas presumivelmente já conhecidas do público-alvo, como a Bela Adormecida, e diálogos intercódigos ou intergêneros, organizando, em arranjo enciclopédico, verbetes explicativos, construção de vocabulário, máximas, infográficos e esquemas, permitindo ao leitor relacionar os múltiplos caminhos de sentido oferecidos de acordo com o seu interesse (NASCIMENTO, 2009).

Essas e outras obras comprovam o alargamento dos gêneros literários para crianças e adolescentes, o que modifica e desestabiliza nossos conceitos a respeito do

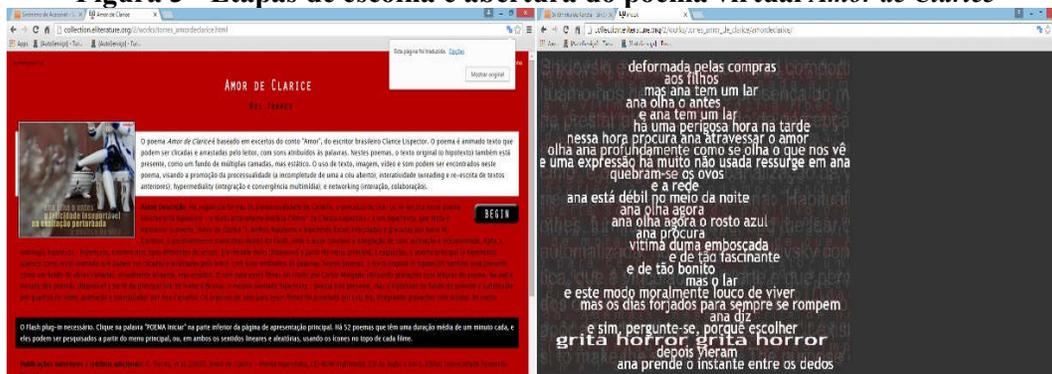
que é uma narrativa, um poema ou mesmo um gênero dramático. Com isso, reconhecemos também que o livro, na sua forma impressa, reivindica modos de leitura diferentes e, conseqüentemente, requer um programa de acesso via leitura “[...] com características de um mapa de navegação multidirecional e interativo do hipertexto do computador [...]”, a fim de explorar os limites e possibilidades desse “[...] hiper-livro, feito de *links* múltiplos, que vão traçando vias permutacionais pelas quais é possível navegar.” (CUNHA, 2009, p. 187-188).

2.2 Do livro de papel ao mundo digital

Até aqui pudemos refletir sobre algumas concepções da literatura digital e hipermediática, considerando que o livro de papel (o impresso) mantém estreita relação com o novo suporte de leitura literária e com novas apresentações em sua forma e conteúdo. Nesse sentido, cabe-nos agora apresentar algumas produções contemporâneas que evidenciam melhor esses conceitos e redesenham uma alteração na recepção dessas leituras pelas crianças e jovens, “[...] tendo em vista que novas estratégias de leituras devem ser produzidas para a compreensão dos significados que resultam do diálogo entre essas diferentes linguagens.” (CARVALHO, 2010, p. 157).

A primeira obra é a coletânea *Eletronic Literature Collection*², em que é possível encontrar uma diversidade muito grande de gêneros híbridos e intertextuais, “[...] trazendo estéticas variadas para esse tipo de literatura, como ficção em hipertexto, ficção na rede interligada, ficção interativa, narrativas locativas, instalações, ‘*codework*’, arte generativa e poemas em Flash.” (HAYLES, 2009, p. 43). Ao acessar a tela principal do sítio, o leitor tem disponível uma gama de opções para dar início a sua navegação, como a releitura em versos do conto “Amor”, de Clarice Lispector, por Rui Torres: o poema hipermediático *Amor de Clarice*, publicado no segundo volume da coleção, em fevereiro de 2011.

² Disponível em: [<http://collection.eliterature.org>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

Figura 3 - Etapas de escolha e abertura do poema virtual *Amor de Clarice*

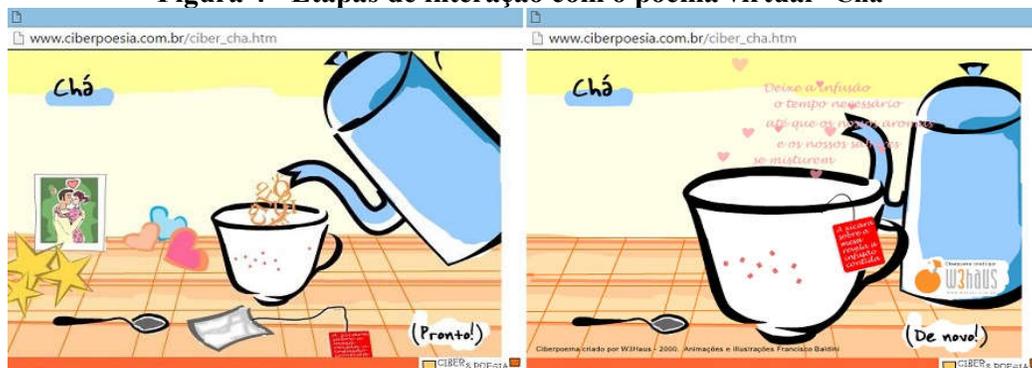
Fonte: TORRES, 2011.

O texto narrativo se transforma em poesia na hipermídia. O autor trabalha com a interatividade, a imagem, o som e o escrito. Logo após a escolha do texto, abre-se um tutorial para o leitor e, a partir daí, é só clicar em “Iniciar Poema” que uma nova janela se abre: surgem, em linhas horizontais, os versos moventes e uma música suave. Então, o leitor poderá, primeiramente, ler e depois clicar em qualquer um dos versos para que outra(s) janela(s) se abra(m); os caminhos da leitura podem ou não ser lineares, é uma opção de o leitor fazer esse percurso.

Ainda, para um leitor mais jovem, retomamos a página de Sérgio Capparelli em colaboração com Ana Claudia Gruszynsky, *Ciber & poemas*³, com recursos seguindo o protocolo da liberdade de escolha do leitor, isto é, com a tela inicial sempre permitindo que a decisão seja tomada pelo navegador e, a partir daí, quem lê vai construindo sua narrativa e sua performance de leitura. Em seu sítio, os autores propõem os chamados poemas visuais ou cibernéticos, além de atividades lúdicas e outras páginas para consulta. Após a exposição dessas informações, o leitor pode iniciar sua experiência com dez peças poéticas. Por exemplo, se escolher “Chá”, talvez a mais interativa delas, certamente se sentirá preparando uma xícara da referida bebida.

³ Disponível em: [<http://www.ciberpoesia.com.br>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

Figura 4 - Etapas de interação com o poema virtual “Chá”



Fonte: CAPARELLI; GRUSZYNSKI, 2000.

O leitor é levado a realizar algumas etapas para obter sua xícara de chá completa, sobretudo, um chá poético, com os versos que compõem o ciberpoema brotando de dentro da xícara ao completar todas as atividades interativas. Nessa elaboração, podemos acompanhar o trabalho com a imagem e o som, ou seja, uma estética que reforça os sentimentos nos ingredientes que são colocados na infusão do chá e que, ao final, evidencia o tempo do fluir, do conversar e do trocar ideias a dois.

Por fim, também recorreremos à página virtual da autora e ilustradora Angela Lago. Propondo um diálogo com crianças, o sítio apresenta opções entre jogos e brincadeiras, além da possibilidade de realizar leituras interativas de pequenas narrativas, como “A interminável Chapeuzinho” e “O cachorrinho feio”, presentes em duas seções especiais da plataforma: *Chapeuzinho!* (2004a) e *O ABCD de Angela Lago* (2004b).

Figura 5 - Reprodução do site de Angela Lago, apresentando as histórias “O cachorrinho feio” e “A interminável Chapeuzinho”



Fonte: LAGO, 2004a; 2004b.

Os contos mencionados quebram com uma linearidade de desenvolvimento, ao vincularem imagem, som e movimento para acompanhar o percurso dos personagens, que podem seguir entre alguns trajetos à escolha do leitor, o que acarreta em finais

distintos para diferentes tramas, mesmo que “A interminável Chapeuzinho” recorra a elementos mais conhecidos do conto popular “Chapeuzinho Vermelho” em que se baseia.

2.3 Novo mundo digital: a era dos livros-aplicativos

Finalmente, chegamos à produção literária feita exclusivamente para aparelhos de tecnologia portátil, como *smartphones* e *tablets*: os livros-aplicativos, que permeiam sistemas operacionais móveis, como *IOS* e *Android*. Diferente dos aplicativos utilizados para a leitura de livros em formato digital, que funcionam como uma espécie de biblioteca de *e-books*, como o leitor digital *Kindle*, da empresa multinacional *Amazon*, o livro-aplicativo seria um livro propriamente dito, com potencial de proporcionar diversas experiências de leitura além do meio impresso e virtual. O novo formato abarca diversas combinações de recursos audiovisuais (variações de áudio, ilustrações animadas etc.) e interatividade, alargando ainda mais as possibilidades de acesso a uma plataforma eletrônica.

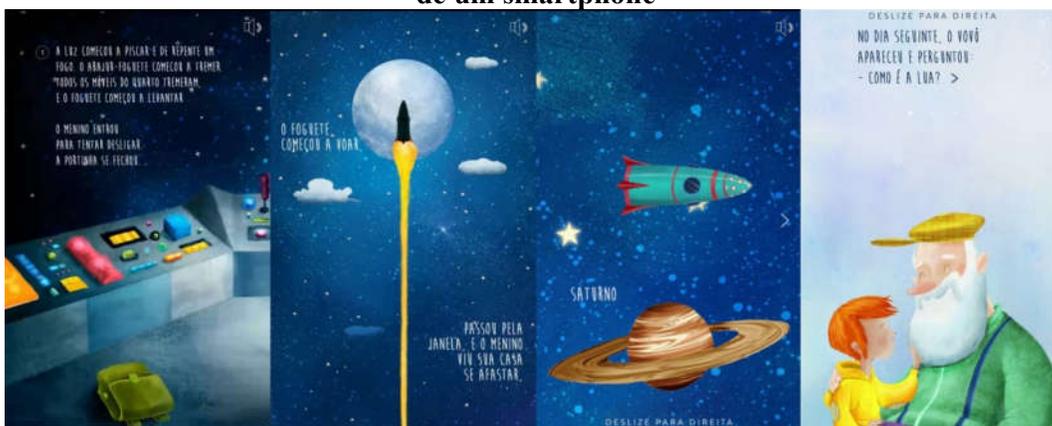
Um notável exemplo dessa nova vertente é *Meu aplicativo de folclore* (2013), de Ricardo Azevedo, um dinâmico almanaque de cultura popular e folclore brasileiro, unindo tradição e modernidade. Seu conteúdo, totalmente ilustrado pelo autor, é dividido em seis seções: trava-línguas, adivinhas, ditados, parlendas, contos e bestiário. Cada parte possui a opção de se ouvir a narração quando apertado o botão *play*, com cada palavra narrada também sendo destacada na tela do aplicativo para auxiliar a leitura. Em alguns casos, como na “Rádio Trava-línguas”, há a possibilidade de o leitor gravar a própria leitura, avaliando o seu desempenho em desafios e jogos que envolvem a forma e significados da língua.

Ademais, a última novidade em termos de formato de livro-aplicativo parece estar vinculada à utilização de redes sociais, como o *Facebook*. Criação brasileira, a obra *O menino e o foguete* (2016), do escritor Marcelo Rubens Paiva e do ilustrador Alexandre Rampazo, utiliza o recém-lançado formato *full-screen* interativo *Canvas*, feito exclusivamente para aparelhos móveis e desenvolvido originalmente para que marcas construíssem anúncios publicitários diferenciados para a rede social supracitada, otimizando o seu desempenho por meio de uma interessante combinação de imagens, vídeos, textos e *links*.

O livro faz parte de uma série idealizada pelo banco Itaú como parte do programa Itaú Criança, da Fundação Itaú Social. Aproveitando-se da nova tecnologia, o projeto aparentemente visa uma forma ainda mais democrática de disseminação e acesso à leitura, além da via impressa e do computador. O maior diferencial de *O menino e o foguete* seria justamente o fato de que só está disponível para *tablets* e *smartphones* por meio da página do banco Itaú no *Facebook*⁴, constituindo um aplicativo *online*.

A trama conta a história de um menino que imagina uma viagem ao espaço, visitando planetas e constelações, quando uma lanterna em formato de foguete é instalada em seu quarto por seu avô. Além da utilização pontual de sons, as ilustrações destacam-se como principais elementos do livro, ganhando vida com pequenos detalhes animados – principalmente demarcando luz e sombra – que parecem ainda mais interessantes na alta definição comum aos dispositivos móveis, como podemos ver na Figura 6.

Figura 6 - Etapas de interação com o livro-aplicativo *O menino e o foguete* a partir de um smartphone



Fonte: PAIVA (2016).

Mesmo que o enredo seja adequado a crianças menores, o sistema de navegação em *touch-screen* pode ainda caracterizar um desafio, acarretando certa dificuldade para o leitor leigo à tecnologia interagir com o livro por conta própria, sem mediação, visto que, por vezes, o sistema não se faz tão claro aos iniciantes no suporte. Tal interação, é pertinente ressaltar, não é tão grande quanto a de outros livros digitais apresentados até aqui, destacando-se o movimento diferenciado de “páginas” a partir de indicações para

⁴ Disponível em: [<http://www.facebook.com/itau>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

deslizar a tela para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, explorando as cenas retratadas nas ilustrações em diferentes ângulos, também jogando com o iluminar e o escurecer das imagens, o que evidencia uma maneira diferente de ler no meio digital.

Além disso, o aplicativo apresenta algumas limitações técnicas que evidenciam certa forma de propaganda: quando o deslizar do dedo desobedece à indicação de direção, é aberta a página do banco Itaú no *Facebook* que, como mencionado anteriormente, também se apresenta como única via de acesso ao livro. Esse aspecto levanta a discussão em torno da participação de crianças e jovens em redes sociais, ainda que de forma acompanhada por algum adulto, assim como também pode acordar o questionamento sobre o *Facebook* constituir uma plataforma realmente adequada para a literatura infantil e juvenil.

Algumas considerações

Algumas perguntas orientaram a construção de nossa trajetória neste artigo: como podemos, a partir dos novos suportes e gêneros da literatura infantil e juvenil, compreender suas novas tendências e estéticas contemporâneas? Há uma nova literatura destinada às crianças e jovens? Os efeitos estéticos mudaram desde a década de 1970? O que há de novo nas obras da atualidade? Como ler essa literatura no meio eletrônico?

Pudemos tecer algumas considerações acerca das transformações da produção literária contemporânea voltada ao leitor infantil e juvenil, desde a metade do século XX até o contexto da atualidade, verificando que muitas das tendências de estilo que temos hoje começaram a se firmar com as obras vinculadas ao famoso *boom* dos anos 1970. Contudo, há uma mudança basilar dos livros daquele período em relação aos mais recentes lançamentos: os novos suportes digitais, eletrônicos ou hipermediáticos, que interferem diretamente nas significações do texto e, conseqüentemente, influem na sua apreensão por parte do leitor iniciante.

De lá para cá, a literatura passou por modificações em seu acesso, sua apresentação e seu manejo. O meio digital agora possibilita a exploração da não linearidade do texto por meio da inserção de *links* e recursos multimidiáticos, como sons, imagens e movimentos. Esses novos artifícios acarretam novas maneiras de ler o livro, colocando o leitor como partícipe da materialidade e da realização textual.

Muitos autores já consagrados na publicação impressa começaram a apreciar os novos horizontes oferecidos pela cibercultura, alguns levando seus livros para a *web*, outros se inspirando em seus artifícios para criar obras mais dinâmicas e interessantes, além daqueles que passaram a criar obras diretamente para o ambiente digital.

Com as novas plataformas de vinculação, também foram surgindo novos gêneros exclusivamente ligados ao meio eletrônico, como os livros-aplicativos, que também já começam a acordar novos suportes e formas de acesso, como é o caso do nosso último exemplo que se liga a uma rede social.

Os caminhos da literatura digital infantil e juvenil parecem continuar se alargando, haja vista que uma das maiores premiações literárias do Brasil, o Prêmio Jabuti, hoje já agrega uma categoria dedicada a títulos dessa vertente, permitindo inclusive a inscrição daqueles que não contenham ISBN e ficha catalográfica, isto é, considerando os livros digitais em seu suporte e características específicas. Nessa perspectiva, deixamos a proposta de novos trabalhos que discutam e reflitam a produção cultural para crianças e adolescentes a partir de seu contexto de criação, produção e circulação, respondendo a exigências sociais e tecnológicas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. *A ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Cosmos, 1996.

BORDINI, M. G. A literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, E. A. (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 33-46.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPPARELLI, S. GRUSZYNSKI, A. C. Chá. In: CAPPARELLI, S. GRUSZYNSKI, A. C. *Ciber & poemas*. 2000. Disponível em: [<http://www.ciberpoesia.com.br>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. *Poesia visual*. São Paulo: Global, 2001.

CARVALHO, D. B. A. Literatura infanto-juvenil: diálogos entre a cultura impressa e a cibercultura. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. v. 6. n. 2. jul./dez. 2010. p. 154-169.

CHARTIER, R. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. p. 19-31.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Introducción a la literatura infantil y juvenil*. Madrid: Síntesis, 2007.

CUNHA, M. Z. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Humanitas/Paulinas, 2009.

DILL, L. *Todos contra D@nte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo M. Buchweitz. São Paulo: Global/Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KIRCHOF, E. R. O desaparecimento do autor nas tramas da literatura digital: uma reflexão foucaultiana. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 56, p. 47-63. jan./ jun. 2009. Disponível em: [<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/962>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. Literatura digital para crianças. In: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. (Org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: [<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-digital-para-criancas>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

LAGO, A. A interminável Chapeuzinho. In: LAGO, A. *Chapeuzinho!* 2004a. Disponível em: [<http://www.angela-lago.com.br/Chapeuzinho.html>]. Acesso em: 31 jul. 2017.

_____. O cachorrinho feio. In: LAGO, A. *O ABCD de Angela Lago*. 2004b. Disponível em: [<http://www.angela-lago.com.br/ABCD.html>]. Acesso em: 31 jul. 2017.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: História & histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

LECHERMEIER, P. *Princesas esquecidas ou desconhecidas*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Moderna, 2008.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MUNARI, A. C. Literatura e internet. In: XI SEMANA DE LETRAS, 11, 2011, Porto Alegre. *O cotidiano das letras: anais*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

NASCIMENTO, J. A. A. *Literatura infantil e cultura hipermidiática: relações sócio-históricas entre suportes textuais, leitura e literatura*. 2009. 215 f. Dissertação (Mestrado

em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.

PAIVA, M. R. *O menino e o foguete*. Itaú Social. 2016. Disponível em: [<http://www.facebook.com/itau>]. Acesso em: 13 fev. 2018.

TORRES, R. *Amor de Clarice*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2011. Disponível em: [http://collection.eliterature.org/2/works/torres_amordeclarice.html]. Acesso em: 13 fev. 2018.

SOUZA, G. P. G. B. *A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!* São Paulo: DCL, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1984.

_____. *Como e por que ler literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Data de submissão: 10/03/2017

Data de aprovação: 14/08/2017